

# História antiga do pensamento em psicossomática

*Avelino Luiz Rodrigues\**

## Resumo

Neste texto empreendemos esforços no sentido de compreender o significado do conceito de psicossomática. Esta iniciativa se sustenta frente suas diferentes concepções, contradições e desvios; vamos explorá-los em seu percurso histórico e epistemológico, na esperança de que este procedimento possa lançar alguma luz sobre este campo. Tomamos como norte a ciência histórica que se define em relação a uma realidade sobre a qual se indaga; uma atitude de quem quer entender as coisas nas suas mútuas conexões. Esta perspectiva da história será predominantemente narrativa e de conveniência. A civilização ocidental tem como alicerce fundamental a forma de pensar da Grécia Clássica, situada nos séculos V e IV a.C.; os conceitos essenciais da filosofia e do pensamento científico são oriundos daquele pensamento helênico, em que problemas básicos foram formulados e são válidos ainda hoje. Ao contar esta história através de alguns de seus personagens, daremos uma especial atenção à articulação entre o corpo e os processos mentais, classicamente denominadas de monismo e dualismo. Poderemos apreender que, se a forma de pensar da civilização ocidental tem seus alicerces na Grécia antiga, sua argamassa foi consolidada pelos mais de mil anos da Idade Média, do século V ao século XV d.C., de onde se destacam Santo Agostinho e São Tomás de Aquino. Conhecer esta história nos ajudará a compreender o pensamento da psicossomática, seus esforços e as resistências encontradas, que são por ela representados na tentativa de superação do dualismo.

Palavras-chave: Psicossomática; História; Dualismo.

## Ancient history of thought in Psychosomatics

### Abstracts

In this essay we will undertake the first efforts in the path to fully understand the meaning of the psychosomatic concept. This endeavor sustains itself even when faced by its conceptions, contradictions and possible deviations; and we shall explore it in its historical and epistemological path, hoping that this particular study can be able to shed some light into this field. We guide ourselves by the historical science defined by the questioning; the inquiring; the witnessing of the surrounding reality. This particular perspective of the embraced history will have, predominantly, a narrative structure. Conveniently told stories and/or experiences will as well be assimilated in this study, as an attitude of researchers that wish to understand things in its multiple connections. Western civilization had, as its essential foundation, the classic Greek way of thinking (centuries V and IV a.C.). Fundamental philosophical concepts, as well as the early scientific knowledge had their origins in that time period: they came from that Greek way of thinking in which basic questions were raised and are still valid to this day. By telling this story through some of its characters we intend to give special attention to the close liaison between the body and the mental processes, classically referred as *Monism* and *Dualism*. We will learn that if the western civilization way of thinking had its foundations in ancient Greece, its “plaster” was strengthened through the Middle Age for over a thousand years (from century V until century XV a.D.). Historical figures such as Saint Augustine and Saint Thomas Aquinas were of major importance in strengthening this way of thinking. Knowing the efforts and the resistances encountered through the ages will help us understand the psychosomatic thought and its quest to overcome dualism.

Key words: Psychosomatics; History; Dualism.

---

\* ORCID 0000-0002-7989-598 – Prof. Associado no Departamento de Psicologia Clínica e do Núcleo de Neurociência e Comportamento (NEC) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. [avelinolui@usp.br](mailto:avelinolui@usp.br)

## Introdução

A importância desse estudo sobre psicossomática refere-se ao fato de haver uma enorme confusão conceitual nesta área (Rodrigues, Almeida e Magalhães, 2020). Concretamente, percebemos que existem muitos significados e tendências e este fato foi destacado por Engel (1967) e Rodrigues & Limongi França (2010). O correspondente verbete no Dicionário Internacional de Psicanálise (Mijolla, 2005,) é implacável: “fenômeno psicossomático, entrelaçamento de Psique e Soma, permanece problemático e suscitou numerosas hipóteses, a ponto de ‘babelizar’ este conceito.

Ao observarmos a produção teórica e prática acerca da psicossomática, de imediato constata-se que o percurso neste campo do conhecimento é tortuoso, cheio de acidentes e com desvios de seus principais pressupostos. Dentre estes, o principal e mais prejudicial desvio, em minha opinião, está na ideia fantasiosa de doença e/ou transtorno e/ou sintoma psicossomático (Rodrigues, Almeida e Magalhães, 2020).

Alguns autores como Ackerknecht (1982) e Eks-terman(2003) intimamente ligados à psicossomática a definem como o campo do diálogo entre saberes, o que a situa na interface biopsicossocial dos fenômenos humanos, inclusive o adoecer; também, uma abordagem na área de saúde comprometida em investigar, conhecer e atuar no nexos, de mão dupla, entre funções mentais e os estados físicos (biológicos); se consultarmos os objetivos de várias sociedades científicas que se denominam de psicossomáticas, podemos perceber que se referem a ela, como uma abordagem que procura, por meio de um vértice multidisciplinar, compreender e atuar, na promoção e atenção à saúde em seus diferentes níveis (Rodrigues, Almeida e Magalhães, 2020). No entanto, qualquer breve olhar na literatura nas diferentes bases de dados, facilmente constataremos que não há uma noção consensual sobre psicossomática; para aprofundar nosso entendimento, vamos seguir as linhas sugeridas por Ackerknecht (1982), Kutter (2000), Lipowsky (1984), Puustinen (2011) e Uexküll (1997). Eles exploraram o conceito de psicossomática em seu percurso histórico e epistemológico, na esperança de que este procedimento pudesse lançar alguma luz sobre este campo. Hegel afirmava que a história seria a dimensão mais profunda da realidade (Houaiss, 2001); ela nos mostra o que foi e a respectiva compreensão do patrimônio de ideias, nos esclarecendo as concepções e os pensamentos que a constituem.

O propósito é apresentar ao leitor “instrumentos do espírito humano”, ideias e personagens, concepções,

conceitos e ordenação de ideias (Hirschberger, 1957) presentes no desenvolvimento da história ocidental, na busca de um saber antropológico para se pensar a psicossomática, enquanto abordagem clínica – biopsicossocial - da interação mente/corpo no processo saúde-doença. Este entendimento não pode, nem deve, ser limitado à velha e repetida fórmula, e, além disto, a questionável formulação do dualismo cartesiano e nele ficar enganchado, como se assim a questão estivesse resolvida.

Como diretriz, seguiremos o seguinte enquadre: a de conduzir o leitor a uma leitura verossímil, com uma coesão interna e o reconhecimento da existência de um percurso, sendo que este verbo deve ser entendido no sentido de investigar, bem como de caminho (Houaiss, 2001). A palavra “história” tem origem no idioma grego e é oriunda do vocábulo “hístor”, que significa “aprendizado”, “sábio”, e, também, “testemunha” (Le Gof, 1990). A história que será adotada, será predominantemente narrativa e uma boa referência, seria Heródoto de Alicarnasso, denominado o pai da história, que apresenta a sua obra como fundamentalmente um “relatório das suas investigações”; mas, também, no sentido de história (no significado de análise, estudo, precursora da palavra moderna “história”; história seria a atitude de quem quer saber, ou melhor, de quem quer entender as coisas nas suas mútuas conexões (Besselaar, 1962).

A história da psicossomática será sempre uma introdução, mas também ela é a própria psicossomática. Conhecendo-a, poderemos construir um pensamento crítico.

Reafirmo que esta tarefa a ser exercitada, sem o atrevimento de me fazer como um historiador, mas, apenas com aquilo que sou, um profissional da saúde, professor universitário e pesquisador interessado em conhecer e compreender a psicossomática, suas formas de intervenção, e, principalmente, a concepção da psicossomática enquanto abordagem clínica da Interação Mente-Corpo em uma perspectiva biopsicossocial, com suas possibilidades teóricas e práticas e a apreensão de suas contribuições no processo saúde-doença.

## A relação mente-corpo na Grécia Clássica

A civilização ocidental tem como alicerce fundamental a forma de pensar da Grécia Clássica, situada nos séculos V e IV a.C (Russel, 2001). Hirschberger, (1957) nos reafirma que os conceitos essenciais da filosofia e do pensamento científico são oriundos daquele pensamento grego, problemas básicos foram formulados e são válidos ainda hoje e indicou os caminhos para sua solução. Foi um período sócio-histórico de grande avanço nos mais diver-

dos campos, na produção da cultura, como na geometria (Euclides de Alexandria), biologia (Teofrasto, Aristóteles), história (Heródoto, Tucídides), filosofia (Sócrates, Platão, Aristóteles, Epicuro), física e matemática (Pitágoras, Tales de Mileto); na arquitetura e nas artes (Fídeas), no teatro (Sófocles), literatura (Homero), na medicina (Hipócrates) além de, nos propiciar o modelo de um sistema político, a democracia (Péricles) e da separação entre ciência e religião e, por consequência, dos mitos (Hirschberger, 1957); este contexto social propiciou um enorme avanço no conhecimento, na forma de pensar o ser humano e suas realidades, a elaboração e formulação de conceitos essenciais que marcaram profundamente a cultura e a mentalidade ocidental e, dentro do tema que pretendemos estudar, é imperativo o conhecimento de alguns componentes destes alicerces, com especial atenção nas concepções sobre a articulação entre o corpo e os processos mentais, classicamente denominadas de monismo e dualismo e outros empreendimentos de se entender o corpo humano e sua relação com a mente e a natureza como a questão do cardiocentrismo e do encéfalocentrismo.

Colocando de forma breve e sucinta, o termo “monismo” é usado para indicar toda doutrina ou sistema de pensamento que afirme certa unidade de explicação (redução a um só princípio, a uma só causa, a uma só tendência ou direção) para um domínio limitado de ideias ou de fatos, e “dualismo”, por sua vez, designa um tipo de raciocínio que admite a referência a uma dualidade de origem: duas substâncias irreduzíveis uma à outra (Descartes) ou dois princípios últimos postos em exterioridade radical um relativamente ao outro (Winograd, 2004).

Alguns historiadores e médicos dizem que o que chamamos de “medicina psicossomática” representa, em grande parte, uma roupagem moderna de ideias, cujas origens situam-se no início do pensamento da medicina ocidental (Ackerknecht, 1982; Lipowski, 1984; Puustinen, 2011; Uexküll, 1997). Em outras palavras, tais ideias precedem a invenção da palavra “psicossomática” e o advento de um corpo organizado de conhecimento, por mais de 2.000 anos.

E, para explorarmos tal afirmação, vamos seguir o método que propusemos, ou seja, explorar a psicossomática em seu percurso histórico e epistemológico, notadamente sob os vértices do monismo e do dualismo que são bastante significativos para o pensamento psicossomático e lançar um olhar na Grécia clássica na qual os pilares da cultura, da filosofia e da ciência se assentaram, portanto, a origem destas duas concepções das relações mente/corpo ou cérebro/mente.

Em seu despertar, a filosofia grega contém algo de não filosófico, o mito (Hirschberger, 1957), que tem a função de oferecer à sociedade um vértice, um porto seguro, sobre as questões da vida e dos homens. Surgem as teogonias - a origem dos deuses e na nascente cultura grega, Homero e Hesíodo seus principais enunciadores. Acontecimento de fundamental importância é a emergência de um saber advindo da Trácia, os Orféticos, que faziam indagações sobre o princípio do ser, em intuições fantasiosas e poéticas, com uma concepção particular de dualismo do corpo e da alma, do aquém e do além. (Hirschberger, 1965).

Segundo Brandão (1991, 1997) no VIII a.C., em Homero não existe a distinção entre mente e corpo e ele sempre considerava o ser humano como um todo, sendo que qualquer função intelectual é considerada um órgão e *psiqué* é representada como a conexão entre a vida e o movimento e, também, a consciência; da perspectiva etimológica significa sopro (Houaiss, 2001) vital.

Para o poeta, o que existe é uma interpenetração do corpo e da mente, assinalando que o espírito está situado no diafragma, por onde o ser humano pensa e sente (Brandão, 1997), desta forma, concebido como a fonte das emoções (Crivellato & Ribati, 2007).

Nestes primórdios na civilização ocidental, os pré-socráticos entre o VII a.C ao V a.C., como Demócrito, Pitágoras, Praxágoras, Herophilus, Tales de Mileto e Erasistratus, segundo os historiadores, foram os filósofos que deram início ao pensamento racional (Castro & Landeira-Fernandez, 2011; Crivellato & Ribati, 2007). Estes pensadores postulavam que as respostas para as perguntas sobre a natureza não se encontravam fora deste mundo, mas na própria natureza e o homem compreendido como parte da natureza universal e, portanto, sujeito aos mesmos princípios os quais regeriam os fenômenos físicos e situavam as mais diversas funções psíquicas em diferentes partes do corpo, sendo que a sede do intelecto estaria localizada em partes ou estruturas biológicas específicas, como sangue, tórax, diafragma, cavidade do coração, membranas que envolvem o coração, cabeça ou cérebro (Crivellato & Ribati, 2007, p. 329). “O sangue localizado em todo o coração tem a função de produzir pensamentos”. Demócrito sustentava que a alma deveria ser identificada com o intelecto e distinguiu duas partes da alma humana: “um racional localizado no tórax ou no cérebro, e uma irracional que estava espalhada por todo o corpo” (Crivellato & Ribati, 2007).

Desde o século V a.C., inicia-se um processo em que duas principais teorias são elaboradas pelos gregos

para explicar a origem da atividade sensitiva e pensante: o encefalocentrismo e o cardiocentrismo. O Encefalocentrismo foi uma teoria baseada em Pitágoras, na qual o cérebro é a sede da mente, do espírito e da lógica, bem como da consciência, das sensações e do conhecimento. Foi uma teoria formulada em Pitágoras e seguida por filósofos como Alcmaeon, Praxágoras, Hipócrates, Herófilo, Erasístrato, Platão. (Stülp & Mansur, 2019). Já o Cardiocentrismo, advogado principalmente por Aristóteles, Empédocles e os estoicos, acreditavam que o coração era o órgão sede da mente, bem como suas funções (Salazar, 2016).

Vale destacar que estas duas formas de entender a origem e local das funções mentais, o encefalocentrismo e o cardiocentrismo, mantiveram um debate acirrado, durante séculos, que perpassou a época de Galeno e se manteve até a renascença.

### Hipócrates de Cós (460 a.C. - 377 a.C.)

A vida é curta, a arte é longa, a ocasião fugidia, a experiência enganadora, o julgamento difícil. É preciso fazermos, não somente o que é conveniente, mas, fazermos também com que o doente, os assistentes e as coisas exteriores concorram para isto” (Hipócrates, 2007, p. 45).

Considerado o pai da medicina, é uma figura lendária por ser um importante personagem na formulação do raciocínio que permitiu a separação da medicina das práticas mágico-animistas e estabeleceu as bases da teoria, da prática e da ética médica que estão presentes até os dias de hoje (Cairus & Ribeiro Jr., 2005). Seus procedimentos “eram baseados em observações rigorosas do doente e da doença, na busca de explicações racionais para as doenças” (Cairus & Ribeiro Jr., 2005, p. 12) e uma tendência a privilegiar o pensamento empírico; dizia: “não há enfermidades, mas há enfermos” (Hipócrates, 2007, citado por Barros, 2012, p. 35); era um humanista, “não só o diagnóstico clínico de um enfermo deve ser baseado no próprio enfermo, como o próprio estado de saúde deve ser caracterizado pelo indivíduo ao invés do médico” (Barros, 2012, p. 36). Hipócrates nasceu na ilha de Cós, na Anatólia e conforme o costume grego, adquiriu os conhecimentos básicos de medicina com seu pai que, dentro da tradição, era transmitido a uma linhagem masculina familiar (Rebollo, 2006) e, posteriormente, frequentou a Escola de Cós, onde sofreu influência dos pitagóricos, em assim sendo considerava a doença como um estado desarmônico entre o corpo e a natureza. Sob esta mesma influência, pitagórica, repudiou a noção de que as enfermidades eram castigos dos deuses, dizendo

serem causadas por agentes naturais (Gottschall, 2007). De acordo com Hipócrates, o médico deve examinar o paciente, observar seus sintomas com atenção, fazer o diagnóstico e só então tratar o paciente. É o surgimento da racionalidade na medicina - criando pelo método indutivo um sistema integrado de diagnóstico, prognóstico e tratamento, baseado em causas e efeitos e o aprendizado pela experiência - inaugurando não a ciência mas uma atitude científica (Gottschall, 2007), assumiu o método empírico, como capaz de observar fenômenos isolados, agrupá-los e generalizar conclusões, que só foi reabilitado por Galileu e Bacon, no século XVII (Gottschall, 2007), Procedendo desta maneira estabeleceu as bases da prática da clínica médica e da psicologia que perduram até a contemporaneidade (Yapıjakis, 2009); em ensinamentos, a Escola de Cós se contrapunha à escola de Cnidos onde a doença decorre de um mal exterior e que deve ser eradicado imediatamente; percebe-se, então, que o foco principal desta vertente era a doença (Yapıjakis, 2009) e segundo Crivellato e Ribatti (2007) adotava a teoria cardiocêntrica.

Platão foi uma das testemunhas de Hipócrates, e o registra em alguns de seus diálogos; dentre os mais citados, no que concerne a Hipócrates, estão em Fedro. Littré (1839, citado por Cairus & Ribeiro Jr., 2005, p. 17) observa que Platão “segue geralmente a doutrina Hipocrática” e Frias (2001) considera que Platão se utilizou dos modelos da medicina hipocrática no desenvolvimento de certas ideias filosóficas como, por exemplo, sua explicação para os estados caracterizados por Platão como *mania* e sua discussão sobre as doenças da alma.

Esta afirmação não só se sustenta nos diálogos acima citados, mas também em Timeu. No Fédon, Platão enfrenta diretamente a questão da origem dos pensamentos humanos, sobre a fonte da autoconsciência e das faculdades cognitivas dos homens: “o cérebro (encéfalos) que transmite sensações como ouvir, ver e cheirar, de modo que memória e opinião são produzidas e, uma vez que tenham se estabelecido firmemente [em nossa mente], o conhecimento é gerado dessa forma” (Crivellato & Ribatti, 2007, p. 330)

E, também, em Aristóteles se faz referência a Hipócrates denominando-o como “o grande Hipócrates”. Em outro texto, na obra denominada Política, escreve: “assim como Hipócrates deve ser declarado um grande médico e não um homem grande” (Cairus & Ribeiro Jr., 2005, p. 23).

No pensamento hipocrático, o cérebro é a sede da alma conforme Cairus e Ribeiro Jr. (2005) e Castro e

Landeira-Fernandez (2011). “É preciso que os homens saibam que nossos prazeres, nossas alegrias, risos e brincadeiras não provêm de coisa alguma, senão dali (isto é, o cérebro) assim como os sofrimentos, as aflições, os dissabores e os prantos” (Cairus e Ribeiro Jr., 2005).

Nesta concepção, a *psyche* faz parte da corporalidade, embora contenha elementos que a distinguem do corpo (Ivanovic-Zuvic, 2004).

O legado de Hipócrates permaneceu por mais de dois milênios como a tradição médica dominante. Apesar da enorme influência da escola de Cós na Grécia Clássica, o debate se manteve entre os adeptos do cefalocentrismo, como o próprio Hipócrates, Platão e os adeptos ao cardiocentrismo como Empédocles e Aristóteles e, ressalta-se, todos tendentes ao dualismo.

Platão (427-347 a.C.) nasceu em Atenas filho de uma família aristocrática. Foi discípulo de Sócrates e devemos aos seus diálogos muito do que se sabe sobre este filósofo. Os diálogos são a técnica utilizada por Platão para expor seu pensamento; ele fala por meio de seus personagens, sendo Sócrates seu principal porta-voz. Fundou uma escola de filosofia em Atenas que sobreviveu até o ano 529 D.C. chegando a influenciar o Cristianismo através de Santo Agostinho (Gomes, n.d; Massini, 1986); em sua doutrina sobre a alma apoiou o conceito de primazia do cérebro como o órgão da alma racional. A mais completa formulação de Platão sobre a alma humana é encontrada em *Timaeus* (Castro & Landeira-Fernandez, 2011; Crivellato & Ribatti, 2007). Ele concebeu 3 espécies de alma no corpo humano, que seria como um receptáculo temporário da alma imortal (o *logos*), da alma mortal e da alma moral. A alma imortal era reconhecida como ligada à “cabeça, que é a mais divina parte e domina o resto [do corpo] em nós. E os deuses deram a esta parte também todo o corpo como servo” (Castro & Landeira-Fernandez, 2011, p. 803). A alma mortal, era localizada no tronco, de forma específica no coração – sede da coragem e dos sentimentos e a última, na região abdominal, entre o diafragma e o umbigo, perto do fígado e seria a sede da paixão, dos desejos e da vida inconsciente (Castro & Landeira-Fernandez, 2011; Crivellato & Ribatti, 2007). Crivellato e Ribatti (2007) afirmam que Platão mencionou uma quarta espécie de alma, a alma do impulso sexual, localizada abaixo do umbigo sendo irracional e indisciplinada.

Como citado acima, a filosofia Platônica contribuiu de forma decisiva para raciocínios ou concepções dualistas nas relações entre a mente e o corpo e seu corpo teórico chegou a influenciar a igreja católica; este pensar

foi resgatado por Santo Agostinho de Hipona um dos mais importantes teólogos, na Idade Média.

Aristóteles (384-322 a.C.) nasceu na Macedônia e seu pai era um médico da corte do rei. Aos 17 anos foi para Atenas estudar na Escola de Platão e lá permaneceu por 20 anos como estudante e professor. Progressivamente, afastou-se dos ensinamentos de Platão e criticou os pitagóricos platônicos por defenderem uma alma sobrenatural e não atentarem para as características reais, físicas e orgânicas do homem. Mas não era inteiramente materialista uma vez que defendeu a existência do “princípio vital” diferenciando este dos componentes do mundo físico, e que a relação entre alma e corpo era funcional não subsistindo a alma sem o corpo. Seus livros alcançaram a Europa através da invasão de Constantinopla pelas Cruzadas em 1204 d.C. No Sec. XII d.C. surgiram as versões cristãs de Aristóteles com Pedro de Espanha (aproximadamente em 1250 d.C.) e Tomás de Aquino (em 1260 d.C.) (Gomes, n.d.).

Além de ser considerado um dos maiores filósofos da história humana, também desenvolveu a atividade de biólogo, sendo considerado pai da anatomia comparada, assim como o primeiro embriologista e taxonomista (Crivellato & Ribatti, 2007). Adepto da tese cardiocêntrica criou uma teoria formal que a sustentava, ou seja, o coração como sede da alma, das emoções e do intelecto (Castro & Landeira-Fernandez, 2011). Crivellato & Ribatti (2007), acreditam que a importância dada ao coração como sede da alma é que, em vida, o coração pulsa e na morte ocorre a cessação da atividade cardíaca.

Para Aristóteles, corpo e alma não são a mesma coisa; existe uma relação constante entre corpo e alma ao ponto de mostrar que são coligadas uma à outra. Se pode afirmar que tudo que a alma sofre ou faz, não a faz sem o corpo, também se pode afirmar que o corpo também sozinho nada faz, visto que é a alma o seu princípio animador, sendo ela causa e princípio do corpo que vive. Em outras palavras, a alma vitaliza o corpo (Araújo, 2010).

Vale retornar a Bertrand Russel; o pensamento grego estava fortemente intrincado com o dualismo, os dualismos do bem e do mal, da harmonia e da discórdia, da aparência e da realidade, da mente e da matéria. E as questões da mente e da matéria podem ser consideradas como um dos problemas tradicionais da teoria do conhecimento e da epistemologia. E constata-se que a filosofia dos gregos, base do pensamento ocidental, era eminentemente dualista (Russel, 2001).

E aqui chegamos a uma de nossas teses: os gregos construíram modelos, matrizes de um conjunto de repre-

sentações que determinaram a forma de pensar no que tange às representações da dualidade mente-corpo, e daí, entre outras coisas, a representação equivocada de doença e/ou sintoma psicossomático. E esta forma de pensar será recuperada, por irônico que possa parecer, na Idade Média, no período da “idade das trevas” e da inquisição que vai do século V d.C ao século XV d.C, sendo os principais expoentes Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, que passam a interpretar os evangelhos por meio da perspectiva de Platão e Aristóteles (Massimi, 1986) e se tornam, assim, os eixos principais da forma de pensar da civilização cristã. Compõem, portanto, o modo possível de pensar através de milênios, moldando a organização e conteúdo do pensamento da civilização ocidental.

É impossível finalizar, observando o método que adotamos e que nos conduziu a este percurso, sem uma breve exposição destes dois personagens.

Aurélio Agostinho de Hipona (354-430), Santo Agostinho, Bispo de Hipona (Séc. IX a.C) tido como um dos principais pensadores, teólogo e filósofo dos primeiros séculos do cristianismo, influenciou de forma decisiva a maneira de pensar daquela época e dos séculos seguintes; foi-lhe apresentada a obra de Platão e ao neoplatonismo por seu professor Santo Ambrósio, bispo de Milão e responsável por sua conversão ao cristianismo, (Encyclopedia Britannica, 1952/1980a). Dentre seus famosos escritos, além das Confissões, estão A Doutrina Cristã e *De Civitate Dei (A Cidade de Deus)*. No livro VIII desta obra, baseou sua argumentação no Platonismo que se tornou um dos conjuntos de ideias que nortearam a Alta Idade Média que inspirou e influenciou muitos teólogos através dos séculos, e contribuiu de forma decisiva para a estruturação de uma visão de mundo que se inicia em 476 (sec V) quando a Igreja alcançou a condição de principal instituição a disseminar e refletir os valores e a razão foi submetida à fé; este período se estende até o século XV, no ano 1517, quando surge a reforma protestante. Portanto, foram mais de 1.000 anos desta visão de mundo, período em que havia pouca liberdade no pensar, na produção de conhecimento e restrição na circulação de ideias; aquele que era considerado contrário aos princípios da fé era categorizado como herege e submetido ao Tribunal do Santo Ofício; aqueles que professavam ideias que não se coadunavam com o pensamento hegemônico da Igreja Católica poderiam ser condenados à morte. São emblemáticos, Copérnico (sec. XV), Giordano Bruno (sec. XV), Galileu Galilei (sec. VI) e Kepller (sec. XVII).

Santo Tomás de Aquino (1224 [1225]-1274) (séc. XIII), ficou conhecido como o príncipe da escolástica,

baseado no sentido Aristotélico da palavra. Sua influência no pensamento ocidental é notável e muito da filosofia moderna foi concebida como desenvolvimento ou oposição a suas ideias; estudou teologia com Albert Magno que começava a ser conhecido como o maior expert em Aristóteles; a partir de 1252 Tomás de Aquino, em função de seu desenvolvimento intelectual e conhecimento em Aristóteles, se envolve em todos os grandes conflitos intelectuais da época. Inovou ao trazer para o seu pensamento uma junção da Filosofia grega aristotélica com a Teologia cristã, o que era tido como incompatível até então; deu início ao que ficou conhecido como a Filosofia **aristotélica-tomista**, ou simplesmente **tomismo**, (Encyclopedia Britannica, 1952/1980b). Coerente com Aristóteles, Thomás de Aquino afirmou que o corpo era um instrumento da alma e a alma a razão de ser do corpo (Abbagnano, 1982).

Sobre as repercussões de Santo Thomás de Aquino, proclamado por papas como Doutor da Igreja, “*Doctor Angelicus*”, em função de sua influência sobre a filosofia ocidental, na determinação de uma visão de mundo, na determinação do que pode e como pode ser pensado por séculos, valem as mesmas observações citadas acima, quando nos referimos a Santo Agostinho.

E para que não se perca a linha de raciocínio, afirmamos, baseado em literatura, que os gregos construíram modelos, matrizes que determinaram a forma de pensar no que tange às representações da dualidade mente-corpo.

Na Idade Média, Santo Agostinho e, posteriormente, São Tomás de Aquino, passaram a interpretar os evangelhos por meio da perspectiva de Platão e Aristóteles (Massimi, 1986) e se tornaram, assim, os eixos principais de uma cultura de mais de 1.000 mil anos, do século V até o século XV d.C. Compõem, portanto, o modo possível de pensar através de milênios, moldando a organização e conteúdo do pensamento da civilização ocidental, inclusive, e notadamente, no dualismo mente e corpo.

Existe uma intersecção, que nos importa, entre o aristotelismo de Thomás de Aquino e Descartes de como a forma e a matéria, entendidos como princípios intrínsecos do movimento; que são apropriados por Descartes em seu raciocínio contrário às interpretações materialistas da interação entre substâncias: desta forma, o movimento do corpo de um homem é entendido como causado pelo seu intelecto. “Eu acredito, entretanto, que aspectos gerais do tomismo aristotélico auxiliaram a moldar os debates de Descartes e estabeleceram o cenário para boa parte de suas inovações filosóficas” (Custódio, 2015, p. 175).

A civilização ocidental, com efeito, pensa de forma dualista: consciência e matéria, mente e corpo, cognição e afeto. Crescemos neste “caldo” de cultura, somos impregnados por ele. Se o indivíduo só pode conhecer aquilo que é representado em sua mente (Cotrin, 1995), estas representações estão impregnadas pelo pensamento dualista.

Com este trabalho pretendemos colaborar, no dizer de Castro e Landeira-Fernandez (2011), com uma das muitas peças desse enorme quebra-cabeça da história do conhecimento acerca do debate mente-corpo.

Se consultarmos os objetivos de várias sociedades científicas que se denominam de psicossomáticas, podemos perceber que buscam este mesmo propósito e se referem a ele, como uma abordagem que procura através, de um vértice multidisciplinar, compreender e atuar, na promoção e atenção à saúde em seus diferentes níveis (Rodrigues, Almeida e Magalhães, 2020). Nosso passo posterior é conhecer e entender a constituição da psicossomática enquanto campo organizado de conhecimento do final do século XIX até a contemporaneidade.

## Referências

- Abbagnano, N. (1982) – Dicionário de Filosofia. São Paulo: Mestre Jou.
- Ackerknecht EH. (1982) The history of psychosomatic medicine. *Psychological Med.* 12:17-24.
- Barros, A.L.G.S (2012) - Hipócrates e Artemidoro: Autores insuspeitos numa “Nação de críticos de Arte”. VIII EHA - Encontro de História da Arte - 2012
- Besselaar, J.V.D. (1962) Heródoto, O Pai Da História, Vol. XXIV — Revista De História — Ano XIII
- Cairus, H.F., Ribeiro Jr, W.A. Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ (coleção história e saúde),
- Castro, F.S & Landeira-Fernandez (2011) Alma, Corpo e a Antiga Civilização Grega As Primeiras Observações do Funcionamento Cerebral e das Atividades Mentais *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24 (4), 798-809
- Custódio, M. A. D. (2015). A Interação entre a Forma e a Matéria em Tomás de Aquino e as Interações do Sistema Cartesiano. *Kriterion: Revista de Filosofia*, 56(131), 173-189. <https://doi.org/10.1590/0100-512X2015n1310mac>
- Encyclopedia Britannica, 1952 [1980] Great Books of the Western World – Robert Maynard, Editor in chief – Agustine, Biographical note.
- Encyclopedia Britannica, 1952 [1980] Great Books of the Western World – Robert Maynard Hutchins, Editor in chief – Thomas Aquinas, vol. I, Biographical note.
- Ekstermam, A. (2003) O ato psicanalítico e a medicina do corpo. *Cad. psicanál. (Rio J., 1982)*; 19(22): 51-76.
- Gomes, W.B. A Psicologia de Platão e de Aristóteles. História da Psicologia – UFMG/FAFICH/D Psi – s/d
- Engel G. (1967) The concept of psychosomatic disorder. *J. Psychosomatic Res.*; 11:3-9.
- Gottschall, C. A. M. (2007) Medicina hipocrática: antes, durante e depois – Porto Alegre: Stampa, 2007.
- Hipócrates - Aforismos (2007). São Paulo: Martin Claret.
- Hirschberger, J. (1957) - História da filosofia na antiguidade. Trad Alexandre Correia. São Paulo: Editora Herder.
- Houaiss, A. (2001) Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Ivanovic-Zuvic, F. (2004). Consideraciones epistemológicas sobre la medicina y las enfermedades mentales en la antigua Grecia. *Revista chilena de neuro-psiquiatria*, 42(3), 163-175. <https://dx.doi.org/10.4067/S0717-92272004000300002>
- Kutter P. A short history of psychoanalytic psychosomatics in German – speaking countries. *Revista da Sociedade Portuguesa de Psicossomática*. 2000;2(2):79-86.
- Le Goff, J., História e memória. Campinas, SP Editora da UNICAMP
- Lipowski ZJ. What does the word “psychosomatic” really mean? A historical and semantic inquiry (1984). *Psychosomatic Med.* 46(2):153-71.
- Kutter, P. (2000). A short history of psychoanalytic psychosomatics in german – speaking countries. *Revista da Sociedade Portuguesa de Psicossomática*, 2(2), 79-86.
- Mijola, A. (2005). Dicionário internacional de psicanálise. Rio de Janeiro: Imago
- Puustinen R. Is it psychosomatic? An inquiry into the nature and role of medical concepts. Durham University; 2011. Disponível em: [etheses.dur.ac.uk/657/](https://etheses.dur.ac.uk/657/).
- Rebollo, R. A. (2006). O legado hipocrático e sua fortuna no período greco-romano: de Cós a Galeno. *Scientiae Studia*, 4(1), 45-81. <https://doi.org/10.1590/S1678-31662006000100003>
- Rodrigues, A.L. & Limongi França, A.C (2010) Uma perspectiva psicossocial em psicossomática via estresse e trabalho. In Melo Filho, J. (ed) *Psicossomática Hoje*, São Paulo: Artmed Editora S.A.
- Rodrigues, A.L., Almeida, N.A. & Magalhães, B.S.P. (2020) Psicossomática ou de como o desvio virou norma in *Psicologia da Saúde – Hospitalar – Abordagem Psicossomática*, Rodrigues, A.L. (editor) – Barueri, SP: Manole.
- Russel, B. (2001) História do pensamento ocidental. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações S.A.
- Salazar, J.L (2016) La controversia sobre la sede del alma en la antigüedad. *Boletín Científico Sapiens Research* Vol. 6(2)20-28.
- Stülpe, C.B. & Mansur, S.S. (2019). O estudo de Claudio Galeno como fonte de conhecimento da anatomia humana. *Khronos, Revista de História da Ciência* nº 7, 153-169.
- Uexküll T. von *Psychosomatic medicine*. München, Wien: Urban and Schwarzenberg; 1997
- Winograd, M. (2004) Freud é monista, dualista ou pluralista? *Ágora (Rio J.)* 7 (2). <https://doi.org/10.1590/S1516-14982004000200002>

Submetido em: 15-7-2022

Aceito em: 28-7-2022